OS DOIS CAMARÕES DA NOSSA HISTÓRIA

Olavo de Medeiros Filho
(Sócio correspondente)

No início deste século, ocorreu uma polêmica entre historiadores norte-rio-grandenses e pernambucanos, a respeito da naturalidade de Dom ANTONIO FILIPE CAMARÃO, o herói da Guerra Holandesa.

Do lado pernambucano, o historiador F. A. PEREIRA DA COSTA, em dois artigos publicados na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, defendia a tese da existência de dois indígenas, ambos chamados **Camarão**: o mais velho era o Potiguaçu, morador na Capitania do Rio Grande, aquele que firmou as pazes com os portugueses em 1599; o outro, pernambucano, seria na realidade o herói da Insurreição Pernambucana. (F. A. Pereira da Costa, 1903: 119-159). Pereira da Costa alvitrou a hipótese de que o Camarão pernambucano seria sobrinho do Potiguaçu norte-rio-grandense...

A tese pernambucana tinha arrimo em informações veiculadas no livro de Frei MANUEL CALADO – **O Valeroso Lucideno,** que transcrevia documentos firmados por João Fernandes Vieira (... "havia nascido Camarão na província de Pernambuco"); Henrique Dias (... "que Pernambuco é sua pátria e minha"); e também no **Diário ou Narração Histórica,** de MATEUS VAN DEN BROECK (... "Camarão costumava dizer que queria tornar a Pernambuco, sua velha pátria").

Através da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o historiador conterrâneo LUÍS MANUEL FERNANDES sobrinho sustentou a tese, segundo a qual o maioral Potiguaçu (**Camarão Grande**) seria o mesmo Dom Antônio Felipe Camarão, o da Guerra Holandesa. (L. M. F. Sobrinho: 1904: 139-237).

Anos depois, o Pe. Dr. MANUEL GONÇALVES SOARES DE AMORIM escreveu dois artigos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, defendendo a tese de que Dom Antônio Filipe Camarão e o Potiguaçu teriam sido uma única pessoa, conforme já aludido por Luís Fernandes. (M. G. S. A. 1928-29: 275-314). Posteriormente, o mesmo tema foi defendido pelos historiadores NESTOR LIMA e LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (4 e 5).

A tese norte-rio-grandense fundamentava-se em notícia veiculada pelo Pe. JOSÉ DE MORAIS, autor da **História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará,** obra impressa em 1759 e posteriormente incluída no Tomo I das **Memórias para a História do Extinto Estado do Maranhão,** de CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA:

> "Dominava entre todos os maiorais daquele sertão com mais autoridade e poder que os outros, o célebre e insígne Principal Camarão, cujo nome foi tão atendido dos nossos historiadores, pela razão do grande socorro que deu às nossas armas na expulsão dos Holandeses de Pernambuco, a quem seu mesmo valor foi raio, que além de aterrar, não causou pequenos estragos nas dominantes tropas da Holanda", (C. M. Almeida: 1860: 86-87).

Em 1954, veio à luz o livro **D. Antônio Filipe Camarão – Capitão mor dos Índios da Costa do Nordeste do Brasil,** do insígne historiador pernambucano JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO. Tal trabalho concluiu pela naturalidade pernambucana de Dom Antônio Filipe Camarão, não tendo logrado elucidar qual o vínculo genealógico que prendia os dois Camarões entre si.

No tocante ao Potiguaçu e os episódios relacionados com a chegada de Manuel Mascarenhas Homem ao Rio Grande, em 1597, e as pazes firmadas entre os potiguares e portugueses, encontraremos referências na **História do Brasil,** 1500-1627, de FREI VICENTE DO SALVADOR. (F. V. Salvador, 1982: 267-275), e na **História da Companhia de Jesus no Brasil,** do Pe. SERAFIM LEITE, onde acha-se, inclusive, transcrita uma carta do Pe. PERO RODRIGUES, datada de 19 de dezembro de 1599. (S. Leite: 1938: 514-526).

O Pe. JOSÉ DE MORAIS dá-nos preciosas informações sobre

aquele Principal Potiguaçu; fala-nos da amizade firmada entre o Padre Francisco Pinto e aquele silvícola; da visita realizada por Potiguaçu ao túmulo daquele padre, cujos ossos foram guardados em uma capela na ribeira do Jaguaribe, Ceará; do batismo do Camarão, pelos padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres, em meio a grandes festividades, na "dominga da quinquagésima do ano do Senhor de 1612", (J. de Morais: 86:91).

O mesmo Pe. SERAFIM LEITE refere-se à **Carta Ânua de 1612, de Domingos Coelho, datada de 14 de agosto de 1613, da Bahia,** onde consta ter o Principal Camarão Grande recebido o sacramento do batismo, no dia 26 de fevereiro de 1612, "dominga da sexagésima". (S. Leite: 508).

As últimas notícias existentes do Potiguaçu são aquelas que figuram no **Livro primeiro do Governo do Brasil (1607-1633),** (1958: 77-78); e nos **Anais Históricos do Estado do Maranhão,** de BERNARDO PEREIRA DE BERREDO. (B. P. de Berredo: 1840).

Nos citados livros, descreve-se a chegada do Maioral Camarão Grande ao Ceará, vindo por terra do Rio Grande: "o Camarão Grande com seus índios que chegaram a Ceará tarde e mui destroçados"; "ia tão prostrado do caminho, que não podia continuá-lo, teve licença para ficar com seu irmão o Principal Jacaúna".

Tal viagem descrita, ocorreu no ano de 1614, e Potiguaçu dirigia-se ao Maranhão, a fim de participar da chamada JORNADA DO MARANHÃO, que pretendia reconquistar o Maranhão aos Franceses.

No ano de 1625, já era falecido o velho Potiguaçu...

Na Torre do Tombo, em Lisboa, existem os originais do PROCESSO nº 4.847 da Inquisição de Lisboa, movido contra o Pe. Manuel de Moraes. No referido processo, depôs Dom ANTÔNIO FILIPE CAMARÃO, Capitão-mor e Governador de todos os índios do Brasil, e Cavaleiro do Hábito de Cristo. Interrogado, aos 23 de maio de 1647, se conhecia o referido Pe. Manuel de Moraes, confirmou o Capitão-mor:

> "disse que o conhecia havia dezoito anos, pouco mais ou menos, e a razão que teve para conhecer foi mandá-lo o Superior do dito padre, ensinar a doutrina à Aldeia de Meratibi, onde ele testemunha residia."

Sobre o fato de o Pe. Moraes haver combatido contra o partido holandês, informou D. Antônio Filipe Camarão:

"fez guerra ao inimigo holandês, com licença de seu Superior, com os índios da Aldeia de São Miguel, e que ele testemunha fora seu companheiro na mesma guerra dois anos."

Por ocasião do citado depoimento, Camarão afirmou contar 46 (quarenta e seis) anos de idade, o que indicaria o seu nascimento entre os anos de 1600-1601.

No Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte existe uma cópia autenticada do depoimento do Camarão, fornecida pela Torre do Tombo de Lisboa.

Onde ficaria localizada aquela ALDEIA DE MERATIBI (Miritiba) residência, em 1629, de Antônio Filipe Camarão? A Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano publicou o artigo **O Camarão encontrado em Pau d'Alho,** de autoria do historiador MÁRIO MELO:

"Em 1591, nos extremos de Goiana, Iguaraçu e Tracunhãem, distante cerca de duas léguas da margem esquerda do Capibaribe, lugar em que hoje existe o engenho Aldeia, foi pelos franciscanos fundado um aldeiamento de índio. Pertencia ao distrito de S. Antônio do Tracunhãem, tendo depois passado à freguesia de Iguaraçu, conforme escreve Jaboatão. Esse aldeiamento tem ainda hoje o nome de Miritiba, palavra de origem tupi que, segundo Theodoro Sampaio, é corrutela de "mbiri-tyba" e significa juncal. Visitamos várias vezes as matas de Miritiba, quando menino. Era propriedade de nossa família. Um terreno elevado e arenoso, com a vegetação própria de praia. Grande é ali a quantidade de cajueiros (...) Miritiba era a aldeia do chefe índio Poti, o conhecido d. Antônio Filipe Camarão, que tanto se celebrizou na guerra contra os holandeses". (M. Melo: 1918: 190-207).

Depois de haver publicado o seu livro sobre D. Antônio Filipe Camarão, o historiador pernambucano JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO encontrou no Arquivo Geral de Simancas, Espanha, uma carta com assinatura autógrafa daquele Capitão-mor dos índios, datada da Estância de Nossa Senhora da Vitória, 12 de agosto de 1632. A seguir, tomamos a liberdade de transcrever o mencionado documento, isto é, duas páginas da carta de Camarão, porquanto as outras, inclusive a primeira com o nome do destinatário, não foram achadas nos arquivos de Simancas. Através delas, fica evidenciado que o Potiguaçu do Rio Grande era pai de Filipe Camarão:

"El padre Antonio Bellavia nos mostró de parte de V. S. ill.ma. una carta de su Magestad, en la qual nos haze merced de poner los oios en estos sus vassalos mui deseosos de servirle poner nuestras vidas, y todos lo que podemos desear en esta vida por su real servicio. Pague Dios a V. S. ill.ma. esta merced, por cuia manos nos vienen todas estas honras, por haver querido tomar el amparo de huna gente tan desemparada como somos yo, y mis naturales, y assi protestamos de servila en todas las occasiones, que se offrecieren de gusto, servicio, y honra de V. S..

Lo que toca a mis naturales, y parientes el P. Antonio Bellavia escrivira a V. S. lo que piden, y prtienden, y de lo que tienen necessidad, y de mi particular no pido nada, porque pongo me honra y mi adelantamiento, y servicios en manos de V. S. que sabrá mejor que yo pedir lo que mas a mi me esta bien, y conviene por mas que yo me desvele en pensarlo pues V. S. deve tener sabido como mi Padre fue autor de las pazes tan desseadas que mi nacion, y gente hizieron con los Portugueses, y que con su buena industria, y valor las truxo al fin deseado, y que despues murió en servicio de su Magestad en la jornada del Marañon sin por esto aver algun premio, y merced por sus servicios, y que yo quedando mozo y huerfano rebellandose algunos de mis nacion quando los olandeses tomaron la Bahia fuy a pelear con ellos con mi persone y gente, y parientes y peleando con los rebeldes, los rompi y desbaratté, y matte por mis manos a un hermano de mi padre, que malamente faltó a la lealdad, y servicio de su Rey, y todo esto hize por ser leal vassalo a mi Rey, y Señor, ya nesta guerra presente, que tenemos entre manos, nunca falte un punto y me hallé presente en todas las occaciones, que se offrecieron peleando con mi persona, y parientes, y amigos y por servir a su Magestad tengo

quasi destruido my pueblo como es notorio a V. S. y a todos. Las mas particularidades de mis servicios, siempre que V. S. fuer servido, los mostraré, y pondre humildemente a los pies de V. S. ill.ma. para que tomando dellos, y de mi el amparo, que espero, salga yo desta jornada con mucho acrescentamiento de honra como espero, porque solo esto deseo saccar y el frutto de mis trabajos será estto solo, pues V. S. ill.ma. quiso por su benigdad tomarme de baxo de su protettion y amparo, cuia ill.ma. persona nuestro Señor nos guarde por muchos y felices años como lhe rogamos: y nosotros avemos menester. De mi stancia de Nossa Sra. de la Victoria 12 de Agosto 1632.

Humilde siervo de V. S. ill.ma.
Antº Phellippe Camarão

A "Bahia" mencionada na carta é a de São Salvador.

Pelo que ficou acima exposto, evidencia-se a existência de dois indígenas potiguares, ambos chamados **Camarão.** O primeiro, o Potiguaçu residente na Aldeia de Igapó, no Outeiro do Minhoto, à margem esquerda do Potengi, defronte a Natal. Ex-canibal, ex-aliado dos franceses, pacificado em 1599 e, daí por diante, fiel amigo dos portugueses. Participantes da Jornada do Maranhão, em 1614.

De conformidade com informação prestada pelo próprio filho de Potiguaçu, Dom Antônio Filipe Camarão, em 1625, já era falecido o velho Maioral.

O outro **Camarão** era Dom Antônio Filipe Camarão, o herói da Guerra Holandesa, filho do Potiguaçu, nascido por 1600-1601 e falecido em 1648. Aos 28 anos, residia na Aldeia de Miritiba, transferindo-se, por 1630, para a Aldeia de São Miguel do Muçuí, no riacho do mesmo nome, afluente do rio Arari, Capitania de Pernambuco. São Miguel distanciava-se cerca de 20 quilômetros de Igaraçu, a meio caminho entre a dita cidade e Carpina.

Permanece sem solução um detalhe: apesar de Antônio Filipe Camarão ter residido na Aldeia de Miritiba até 1629, quem poderá afirmar tenha ele nascido e sido batizado naquela aldeia? Bem poderia ter sido levado para lá, em tenra idade, com a finalidade de receber uma boa educação, a ser-lhe ministrada pelós religiosos franciscanos. Aguardemos que surja um novo documento esclarecedor.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Pe. Dr. Manuel Gonçalves Soares de – **A naturalidade de Camarão.** Rev. do Inst. Hist. e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXV-XXVI, 1928-29, págs. 275-314.

AMORIM, Pe. Dr. Manuel Gonçalves de – **Dom Antônio Filipe Camarão é norte-rio-grandense.** Rev. do Inst. Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXIX-XXXI, 1932, 34, págs. 49-78.

CÂMARA CASCUDO, Luís da – **Discurso de doutor e conversa de pobre.** Rev. do Instit. Hist. Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXXVIII-XL, 1941-43, págs. 162-166.

FERNANDES SOBRINHO, Luís Manuel – **D. Antônio Filipe Camarão.** Rev. do Inst. Hist. Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. II, nºs 1 e 2, jul/1904, págs. 139-237.

FERNANDES SOBRINHO, Luís Manuel – **Ainda a naturalidade de D. Antônio Filipe Camarão.** Rev. do Inst. Hist. Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. III, nº 1, jan/1905, págs. 167-178.

FERNANDES SOBRINHO, Luís Manuel – **Potiguaçu, o antigo.** Rev. do Inst. Hist. Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. III, nº 1, jan/1905, págs. 403-410.

FERNANDES SOBRINHO, Luís Manuel – **D. Clara Camarão.** Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Norte, vol. IV, nºs 1 e 2, jan/1906, págs. 89-116.

FERNANDES SOBRINHO, Luís Manuel – **D. Antônio Filipe Camarão,** última verba. Rev. do Inst. Hist. e Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. VI, nº 1, jan/1908, págs. 143-152.

LEITE, Pe. Serafim – **História da Companhia de Jesus no Brasil,** tomo I, págs.514-526. Lisboa. Livraria Portugália. Rio de Janeiro, Livraria Civilização Brasileira. 1938.

LEITE, Pe. Serafim – **obra citada,** tomo V, pág. 508. Lisboa, Livraria Portugália. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro. 1945.

LIMA, Nestor – **Em memória do índio potiguar D. Antônio Filipe Camarão.** Rev. do Inst. Hist. Geográfico do Rio Grande do Norte, vols XXXVIII-XL, 1941-43, págs. 154-161.

LIVRO PRIMEIRO DO GOVERNO DO BRASIL (1607-1633), págs. 77 e 78. Seção de Publicações do Serviço de Documentação. Ministério das Relações Exteriores, 1958.

MELLO, Mário – **O canhão encontrado em Pau d'Alho.** Rev. do Inst. Arqueológico e Geográfico Pernambucano, vol. XX, nº 101, 1918, págs. 190-207.

MENDES DE ALMEIDA, Cândido – **Memórias para a História do**

extinto Estado do Maranhão, tomo I, págs. 86-87. Rio de Janeiro, Tip. do Comércio, de Brito & Braga, 1860.

MENDES DE ALMEIDA, Cândido – **obra citada,** págs. 86-91.

PEREIRA DA COSTA, F. A. – **A verdadeira naturalidade de Antônio Filipe Camarão.** Rev. do Inst. Arq. e Geográfico Pernambucano, volume XI, 1903, págs. 119-159.

PEREIRA DA COSTA, F. A. – **A naturalidade de D. Antônio Filipe Camarão** (última verba). Rev. do Inst. Arq. e Geográfico Pernambucano, vol. XIII, 1908, págs. 464-583.

PEREIRA DE BERREDO, Bernardo – **Anais Históricos do Estado do Maranhão.** Maranhão, Tipografia Maranhens, 1840.

SALVADOR, Frei Vicente do – **História do Brasil,** 1500-1627, págs. 267-275. Belo Horizonte, Editora Itatiaia. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 1982.